

Contra a barbárie da incomunicação e pela construção de uma sociedade educativa

*Against incommunication barbarism
and by building a learning society*

ROBERTA BRANDALISE *

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo-SP, Brasil

SANDRO ASSENCIO **

Fundação Santo André, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais:
economia-mundo, arte e sociedade, Santo André-SP, Brasil

Martín-Barbero, Jesús.

A comunicação na educação

(trad. Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo).

São Paulo: Contexto, 2014, 155 p.

RESUMO

A comunicação na educação, de Jesús Martín-Barbero, trata de questões referentes ao processo de alfabetização em comunicação em suas múltiplas interfaces com a cultura; do descentramento da escola como principal agência socializadora e questiona a hegemonia da cultura letrada ao valorizar a oralidade e a visibilidade como formas de construção do saber; propõe o deslocamento do sistema educacional para uma sociedade dos saberes compartilhados traduzido no projeto de uma cidade educativa.

Palavras-chave: Comunicação, educação, ensino-aprendizagem, cultura, cidadania

ABSTRACT

A comunicação na educação, written by Jesús Martín-Barbero, deals with issues concerning the process of literacy in communication in its many interfaces with culture; the decentralization of the school as the primary socializing agency and it questions the hegemony of literacy culture to enhance orality and visibility as forms of knowledge construction; it also proposes a shift from an educational system to a society of shared knowledge translated into an educational city project.

Keywords: Communication, education, teaching-learning, culture, citizenship

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: betalise@terra.com.br

** Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: sandro-assencio@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p313-317>

A COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO, de Jesús Martín-Barbero, é obra fertilizada por mais de quatro décadas de rica trajetória acadêmica e contribuições científicas ao campo da Comunicação. A nobre tradição de pensar a Comunicação a partir da Cultura, iniciada na América Latina pelo filósofo radicado na Colômbia, pode ser percebida pelos leitores que se deparam com a lógica e a sensibilidade desta narrativa – que considera a educação a partir da Cultura, ao mesmo tempo que entende os processos comunicativos plasmados ao pedagógico.

O livro de Martín-Barbero tem o mérito de dialogar tanto com suas produções teóricas passadas – o autor busca em sua tese doutoral *A palavra e a ação*, desenvolvida na passagem das décadas de 1960 e 1970, e ainda inédita, elementos teóricos para pensar a relação entre a comunicação e a educação – bem como, entre outras, com ideias e conceitos elaborados em diferentes campos do conhecimento, fazendo de seu livro um exemplo de saber construído sem o “arame farpado dos territórios e disciplinas, dos tempos e discursos” (p. 120).

Mas são as aquisições teóricas da *Pedagogia Crítica* de Paulo Freire – considerada o “primeiro aporte inovador da América Latina à teoria da comunicação” (p. 17) – e a filosofia de Antonio Gramsci, que se fazem presentes no livro de Martín-Barbero de modo decisivo, quando o autor analisa as relações entre comunicação e educação na América Latina: “Foi a mistura de Gramsci com Freire que me ensinou a pensar a comunicação, ao mesmo tempo, como processo social e como campo de batalha cultural” (p. 21).

Nesse sentido, de acordo com Martín-Barbero, um dos grandes méritos de Paulo Freire foi ter apresentado a comunicação em sua *estrutura dialógica*, ao elaborar uma verdadeira *pedagogia da palavra e ação*, ou seja, uma pragmática que converge com as teorias de Austin e Searle sobre a capacidade performativa da linguagem, pois incorpora a análise da *ação da linguagem* a um programa de ação e de expressão, a ideia de que por meio da fala agimos no mundo. Assim, na relação entre comunicação e educação, os sujeitos fazem uso de *palavras gastas* ou de propriedade dos dominantes para *dizer coisas novas* que ilustram seus anseios e suas lutas (p. 34).

Munido dessas teorias, Martín-Barbero passa a observar que as estruturas de dependência penetram toda a sociedade e, conseqüentemente, também o âmbito da Cultura, impactando os processos educomunicativos. Assim, explica o autor, a conquista dos colonizadores frente aos povos colonizados se configura numa *batalha cultural*, que por meio de um violento processo de *aculturação* levou a maioria dominada a tomar como modelo os valores, atitudes e projetos da minoria dominadora. A isso Martín-Barbero denomina *processo de incomunicação*: incomunicação com a história, que é apreendida como história dos

indivíduos mais notáveis e não como história do povo; incomunicação com o fazer político das massas, excluídas do processo político; incomunicação das elites intelectuais, isoladas, por conta de sua linguagem exclusiva, da fala e da memória das maiorias. Portanto, se foi na *educação* que a visão do opressor “se transformou em situação de fato, legítima e legitimada pelos oprimidos” (p. 24), residirá “em *outra educação* a possibilidade de fazer explodir a situação ao subverter os códigos da humilhação e da submissão” (Ibid.).

Nesse sentido, o livro de Martín-Barbero não está destituído de pressupostos que fundamentam sua crítica ao *modelo escolar*. Apropriando-se de Mead, Bourdieu, Arendt e Tedesco, o autor pontua mudanças que deslocam a escola da centralidade no processo de socialização, respectivamente: o fato de a experiência cultural dos jovens não caber mais na sequência linear da palavra impressa; o fato de existirem ecossistemas comunicativos que acabam por denunciar os simulacros que, por vezes, caracterizam o processo de ensino e aprendizagem tradicional; a dificuldade em integrar a capacitação laboral e profissional, considerada central pelos agentes do mercado, com a transmissão da herança social e a formação de cidadãos; o contínuo sucateamento da escola pública, que fragiliza esse espaço de encontro e reconhecimento das maiorias excluídas (p. 122-124).

Essas mudanças redimensionam o próprio sentido do conhecimento porque, entende o autor, as transformações nos modos como circula o saber, viabilizadas pelos meios de comunicação, denotam a fragilidade das separações radicais que a escola estabeleceu entre arte, ciência e técnica, e forçam o reconhecimento de saberes entrelaçados, engendrados nas culturas que transbordam as noções de belas letras e belas artes (p. 127-128). Nesse contexto, o sentido dos sujeitos da educação também é redimensionado: todos somos sujeitos do conhecimento e o construímos e compartilhamos sem separar mente e corpo ou razão e sensibilidade.

Martín-Barbero, dotado de profunda visão humanista – na contramão, portanto, da instrumentalização crescente dos processos pedagógicos em todos os níveis, tal como defendido pelas perversas políticas neoliberais elaboradas pelos organismos econômicos mundiais – afirma “a urgência de uma *reeducação em humanidade*, de um outro tipo de aprendizagem que permita aos humanos” não desistir de sua “utopia de comunidade solidária” (p. 14). Para tanto, afirma a passagem da sociedade com sistema educativo para a sociedade educativa, ou seja, o deslocamento do ultrapassado ensino bancário, onde os sujeitos do conhecimento assumem posição oposta e contraposta, para uma sociedade de saberes compartilhados, onde os limites da sala de aula se expandem para a cotidianidade desses mesmos sujeitos, para suas relações locais e globais, mediadas ou não por tecnologias.

Ciente de que o processo de ensino e aprendizagem, por meio de múltiplas mediações, agora já ocorre em qualquer lugar e independe da idade dos sujeitos do conhecimento, Martín-Barbero ousa ao propor a reinvenção da escola assumindo seu papel de instituição socializadora que privilegia, além dos agentes tradicionais desse processo, os meios de comunicação de massa e os novos meios de comunicação em rede. Nesse sentido, o autor destaca a necessidade de a escola estreitar suas relações com a cidade ao entender que – se hoje todos vivemos inseridos numa realidade que possibilita a aprendizagem contínua – para além do saber letrado, os saberes provêm de outros meios que não o banco escolar, como a cotidianidade, a oralidade, a visualidade, a audiovisualidade e a interconectividade.

O teórico latino-americano aponta que a escola é interpelada pela cidade contemporânea, espaço onde a mediação tecnológica é mais densa e de onde emergem os novos modos de estar juntos: um espaço configurado não mais por corpos reunidos, e sim por corpos interconectados. Ao tratar disso, o autor retoma a relevância dos jovens como atores sociais transformadores e reitera que o compromisso da educação com a formação cidadã exige que as novas gerações possam se apropriar das tecnologias para fazer ouvir a sua pluralidade de vozes e, assim, participar ativamente do diálogo democrático; assinalando que a inserção das tecnologias na escola só promoverá a transformação da realidade se elas forem integradas a um modelo em que o conhecimento é construído de modo colaborativo ou horizontalizado. O contrário disso leva à reprodução do *status quo*, ou seja, sem espaço para o cultivo de pensamentos contra-hegemônicos na escola, o aproveitamento das tecnologias deixa de representar uma possibilidade de inclusão social e emancipação dos sujeitos.

A partir de uma pesquisa/ação desenvolvida na cidade mexicana de Guadalajara, e de outra – cujos achados eram inéditos até a publicação desta edição – realizada em cinco países da América Latina, mais Espanha, o teórico nos apresenta um “mapa-projeto” (p. 139) para o desenvolvimento de sociedades do saber compartilhado. Confirmando a tessitura de reflexões que expõe ao longo de sua obra e fundamentado nos dados levantados a partir de experiências de leituras e escritas realizadas no que chama de “cidade educativa” (p. 119), Martín-Barbero aponta caminhos para a implementação de políticas públicas e para a inserção de projetos educativos que viabilizem o processo de ensino e aprendizagem na contemporaneidade: valorizando a importância das práticas cidadãs, das relações interculturais e, principalmente, apresentando como chave a interação da escola com a cidade.

No Brasil, a obra de Martín-Barbero vem dialogar com os estudos de Educomunicação que valorizam a pedagogia dos projetos; a integração entre as áreas do saber; o aproveitamento de repertórios compartilhados entre professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem; o reconhecimento e gestão de ecossistemas comunicativos por meio da implementação de ações de comunicação; a alfabetização nos diferentes dispositivos e linguagens, para formar mais que leitores críticos da mídia, mas cidadãos capazes de elaborar suas próprias narrativas apropriando-se das mídias e, assim, participar do processo histórico, intervindo cada vez mais na realidade social, cultural, política e econômica.

Publicado pela Editora Contexto, *A comunicação na educação* configura-se em leitura obrigatória a todos aqueles interessados nas confluências entre Comunicação e Educação, e nos processos e práticas educacionais como formas de resistência à barbárie da incomunicabilidade imposta pelas práticas do capital. **M**

Artigo recebido em 07 de novembro e aprovado em 18 de novembro de 2014.